

DEPÓSITO LEGAL

Semanário de grandes reportagens

N.º 12

1\$00 Esc



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 30 - «Cinco lobitos»
Variedades - 21,30 - «Nobre Povo».
Coliseu - Companhia de circo
Apolo - 20,3 e 22,45 - «Ze dos pacatos»
Maria Vitória - 20,45 e 22,45 - «Viva a
tojal»

Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condés - 15 e 21 e 15.
Central - 15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia - Das 15 e 30 às 0.
Capitôlio - 21.
Chi-do Terrasse - 15, e 21 e 15.
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.
Lys - Das 11 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris - 20 e 45.
Salão Portugal - 15 e 21.
Palatino - 21.
Palácio - 21 e 15.
Europa - 21.
Royal - 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema - (Rua do Aleito) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Cal
vário) - 21.
Imperial - (Rua Francisco Sanches).
Salão da Voz do Operário - 21.
Cine Oriente - (Penha de França).
Salão Ideal - (Loreto).
Cine Rossio - 21.
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema - As segundas, quartas,
quintas e domingos, cinema e concêr
to - 4 e 45 - 21 e 45.
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência,
«o Régio») - 2.
Esplanada Vitória - (Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas
e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SÓ NA



Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 - LISBOA

TODOS A PREFEREM!



A antiguidade do feminismo

pele

Reporter

CABO de ler uma notícia deveras desconcertante — a da entrega dum abaixo assinado, com trinta e não sei quantos nomes femininos protestando contra a invasão que os homens estão realizando em profissões que — dizem as signatárias — pertencem exclusivamente às mulheres! É pasmoso! Elas assaltam todos os metiers, alcançam-nos em todos os cargos e lugares, e fortalecidas pela impunidade do nosso gentilíssimo silêncio — ainda nos acusam... do que nós, com toda a razão, podíamos acusá-las — e que não o fazemos!

Simultaneamente a essa notícia — um jornalista... macho, (do nosso sexo leitores!) Jean Lecoq vem em defesa, encaputadamente, em defesa do feminismo — historiando o assunto e explicando-nos de que essas «fortes» vitórias do sexo «fraco» que ainda hoje nos irritam ou enervam — ou pelo menos nos pasmam — são quasi tão velhas como a Humanidade. E o mais grave é que tem razão! A sua tese é irrespondível!!!

Muita gente julga, por exemplo, que as conquistas femininas, nas profissões liberais, datam apenas de há cincoenta e cinco anos, iniciadas pela formatura em medicina, duma tal D. Maria Garly Peçanha — que se doutorou em Coimbra, em 1880. Essa senhora apenas reatou uma tradição, durante algum tempo esquecida. Na antiguidade abundaram as mulheres-médicas. Galiano elogiou por vezes as suas camaradas do «belo sexo» — as «médicas» — entre as quais certa Anthiochis, que se salientou pelas curas verdadeiramente milagrosas. Na Idade Média havia-as numerosas. A Escola de Salerne lançou algumas célebres. Existiam até nos conventos. As freiras de Paraclet estudavam cirurgia sob a ciência de Abelardo. Mais: Santa Hildegarda, segundo os seus biógrafos, afamou-se como a mais sábia das «médicas» da sua época. Muitas das conquistas da medicina moderna — foram ante-vistas por Ela. Pressentiu a «circulação do sangue» — a apesar de religiosa nunca admitiu que a loucura fôsse uma garotice cruel de Satanaz!

Só a partir do século XVIII é que, em certos países, começou a ofensiva contra as «médicas» — no sentido de se ceder o monopólio da medicina aos homens. Mas um século depois, a França, sob a iniciativa da Imperatriz Eugenia, tornou a permitir a entrada das mulheres nas Faculdades de Medicina.

O mesmo sucede na advocacia — onae as mulheres triunfaram em absoluto, sobretudo em Roma. Mas foi em Roma que a advogada caiu em grave decadência. Conta-se que a mais célebre — Calorina — ao ver um dia os juizes desprezaram a sua eloquente e esmagadora defesa, condenando o reu que ela defendia, se encolerisou com tal histérico que se desnudou... em pleno tribunal — o que lhe valeu a expulsão e o descrédito... da classe!

E nas letras e nas artes? Uma estatística recente indicava a existência, na França, quasi, 5000 mulheres escritoras — 3711 dedicadas ao romance

O eterno cego



O benfeitor, surpreendido: — Eu julgava que V. era cego e está a ler um jornal?

O... cego: — Não senhor! Vejo só os bonecos!

e livros para crianças; 317 a obras pedagógicas, 280 à poesia — e as restantes acumulavam... Em Portugal, entre os nomes a que se podem chamar profissionais — contam-se, pelo menos, 12 por cento de mulheres.

Temos, por último, as mulheres-policías. Foi a América quem deu o exemplo... Num país onde se aceitam mulheres-juizes — não há razão — para não existir um corpo feminino de... segurança! Foi em 1907 — numa pequena cidade de Ohio — Lorain. O Sheriff recebeu um dia a visita de várias damas de sociedade que lhe expuzeram o seguinte: «— A nossa cidade está mal policiada porque quasi todos os homens teem trabalho e não querem abandonar os seus officios para vestirem a farda policial. Em compensação numerosas mulheres desejam entrar para a cooperação. Porque não as emprega?»

O Sheriff cedeu e apezar dos atritos que se levantaram, de inicio, entre as neofitas e ele, devido apenas à escolha de uniforme (que elas queriam que fôsse chique, de saia curta, com um capacete coquette, dispensando o bastão que era... anti-elegante) parece que a experiência deu bom resultado visto que, pouco depois, quasi todas as cidades da América a imitavam... A Inglaterra também dispõe de mulheres-policías — mas o regulamento é tão severo (apimeira condição é o de serem solteiras...) que sendo o quadro londrino apenas de sessenta — nunca o conseguiram encher.

E depois de tudo isto — ainda as damas teem o desplante de nos acusarem de... invadir as suas atribuições. A consciência pelo menos, não me acusa de ter nunca ousado tal abuso — e algumas das atribuições femininas, como a da maternidade, bem feliz me sinto porque a natureza me poupou a tal...



O casamento da infanta Beatriz — rastilho do divórcio

Quanto ao seu intellecto, ao seu génio — o próprio Wenceslau o retrata num soberano fantástico do romance «El secreto del Barba-Azul». De manhã recebia uma comissão de industriais metalúrgicos de Bilbao; escutava-lhes o recado, empapava-se do assunto, com a facilidade de memória dos espiritos levianos. A seguir dava audiência a um grupo de generais que lhe vinha apresentar uma proposta de novo armamento. Ele escutava os militares em silêncio, concordava — e rematava a visita dizendo: «Vocês não calculem as horas que levo a estudar todos os assuntos de interesse nacional — os mais diversos. Por exemplo... O problema dos altos fornos de Bilbao! Há duas semanas que mergulho nesse assunto... E... (E repetia, fonograficamente o que, uma hora antes escutara aos metalúrgicos!) e os generais saíam — dizendo: «Que rei! Como é trabalhado! O que é sabe! Quem havia de dizer que Afonso XIII conhecesse, como conhece, a crise de Bilbao e como é a planície a degolação!»

A seguir aos generais de artilharia — vinha uma delegação de financeiros. Ele atendia-os, tomava notas — e no final — ra infalível! «Esse vosso caso já há muito que está a ser estudado por mim... Se não o resolvi já foi porque, me tenho preocupado muito com o estudo do problema de Bilbao — e com o do novo armamento de artilharia, e... (E repetia o que lhe tinham dito os metalúrgicos e os generais!) E os banqueiros saíam do Palácio — atontados com a cultura enciclopédica de Sua Magestade... «— Isto é que é um rei! Como é profunda todos os assuntos que interessam à pátria! Conhece os problemas, tão de talhadamente, como os técnicos! E como é encara as resoluções! E' admirável!

E depois vinham os pescadores da Galiza, e os tecelões de Tarrassa e exportadores de frutas de Valencia; e na última audiência — os conserveiros de Cadiz — quedavam-se aparvalhados com a erudição, com a inteligência, com os estudos e actividade de Afonso XIII — depois de lhe escutarem os discursos de todas as pa-

A vida íntima do ex-Rei de Espanha

O «Segredo do Barba Azul» — A erudição e enciclopedismo de S. M. — As inconfidências do primo — Luiz Fernando, em Lisboa.

(Continuação do número anterior)

lestras que anteriormente elle tivera com com os seus visitantes!

«Este era o segredo do génio do soberano...

O príncipe Luis Fernando Bourbon e Orleans — esse pobre degenerado cujo ódio do primo, Afonso XIII, até em Portugal se fez sentir — contou-me uma vez — a mim e a um dos nossos advogados e dramaturgos de maior renome da actualidade:

«Fala em moralidade, o Alfonsito! Se elle tivesse um pouco mais de respeito — e de piedade pela minha prima! Que heroísmo, que dignidade a de Eugénia Vitória! Até no próprio Pelácio é a vexe, a humilha! Desde o último filho — que elles são como dois estranhos, na intimidade! Não só não poupa, mas suas devassidões, o pessoal mais baixo, mas até as damas do convívio da Espôsa! E mais: parece sentir especial vaidade em que ela o saiba! E ela — como uma esfinge — não vê, não ouve, não sabe! Um dia — ainda eu não era um indesejável em Espanha e vivie no Palácio do Oriente — elle armou uma cilada a Eugénia Vitória, fazendo com que ella entrasse num dos seus gabinetes — em cujas paredes estavam afixados trinta retratos de mulheres — atrizes, doze; mas também havia coristas, damas da côrte... uma criada da rainha! — com dedicatórias eloquentes!»

«Mas Eugénia Vitória conservava ainda uma ilusão — entre as cinzas de tantas que lhe trouxera nas flores da sua juventude, ao casar-se com aquele galã estranho, verboso, espectacular — tão pouco inglês — e por isso mesmo impressionante ao seu carácter de inglesa — e que elle, grosseiramente, viera desfazendo, calcinando mais por sadismo de enfartamento do que por descuido ou por levandade: a ilusão do Homem Forte! Esta última estátua desmorenou-se tristemente — naquele abandono da mulher e dos filhos, quando da revolução.

Ora assim é que se faz a história! Afonso XIII não era aquele que elle pintou; é o que eu já sabia há muito o que elle era. Mas há mais...

R. X.

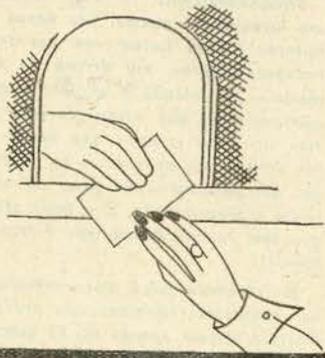
(Continua no próximo número)

Reportagens dos leitores

Amor... sem cabeça

Sr. Director do «X»: — Contaram-me esta noite num café da cidade um caso que podia servir até para uma comédia — quanto mais para uma reportagem. Um rapaz muito conhecido e estimado, que se dedica ao comércio e que viaja continuamente — P. M. — embeçou-se há tempos por uma jovem que veio para aqui, com a família, há poucos meses — e cujo porte é irrepreensível. O flirt — ainda não chegou a namoro — decora lentamente, não só porque a moça faz grandes ausências e raras vezes se vê de dia, na cidade, como também porque, embora, correspondendo á côrte de P. M. — se mostrava esquiua a conversas. Onde se encontravam com mais frequência era em certos bailaricos familiares — aos sabados.

Ora P. M. é atiradiço! O facto de estar enamorado da jovem — não o continha os seus impetos de Tenório. Várias vezes, por semana, tinha de ir por negócios, a uma vila próxima. Ao comprar o bilhete de volta — notou que a bilheteira da gare, cujo rosto ella ocultava graças á pequenez do guichet, possuía umas mãos aristocráticas, brancas de neve, sulcadas de veias azuis, dedos esguios... Começou a soltar-lhe piropos — tanto mais impaciente quanto maior era a teimosia da senhora dos bilhetes em ocultar-lhe o rosto. Num dos tais bailaricos — a jovem do flirt, quando elle se lhe dirigiu, como de costume cor-



— deu-lhe a palavra — dizendo-lhe: «Peço-lhe que nunca mais me fale. E para que me havia de falar se a única pessoa que estima com boas intenções é a bilheteira da estação de Z...?» E repetiu-lhe frases.

O rapaz ficou desconcertado! Na próxima semana, ao ver no guichet as tais mãos de princeza — não se conteve — ia a largar uma declaração em forma, quando a invisível boca da bilheteira o interrompeu: «Peço-lhe que não seja impertinente! A única mulher de quem V. gosta é Fulana! Portanto — não me ofenda... com os seus galanteios!»

P. M. passou duas noites de vigília cismando naquele mistério; e ao terceiro dia, sob uma suspeita brusca, resolveu tudo esclarecer. Audaciosamente pediu para falar á jovem — a dos bailaricos — e disse-lhe: «Só desejo pedir-lhe um favor! Ver-lhe as mãos...» Ella ia a ocultá-las — mas não teve tempo. P. M. apossara-se delas. Examinou-as. Não havia dúvida! Eram as mesmas... A bilheteira e a jovem do flirt eram uma e a mesma pessoa! E — como nas comédias — peliua em casamento.

Nos bastidores dos grandes

Jardins Zoológicos

A propósito do artigo «Lisboa invadida pelas feras» que o «X» publicou no seu último número — e que tão ruidoso êxito obteve — recebemos variada epistolaria. Uma dessas cartas — diz: «Lisboa pode, de facto, orgulhar-se de possuir uma das melhores colecções zoológicas da Europa — à parte, já se vê, os monumentais jardins de Hamburgo, Londres, etc. Os lisboetas deviam ajudar a Direcção do nosso — pelo menos no que se refere à alimentação dos animais que custa uma fortuna».

Não é preciso ser profeta para se concluir que as feras... comem como feras — e ainda há pouco um episódio correu a imprensa estrangeira — que é bem eloquente... Refere-se ao expedito marroquino Al-Shalfey que o governo espanhol entendeu... para socôgo do Riff — fixar residência na Europa. Trouxe, juntamente com as numerosas esposas e criados — a sua colecção de feras: cinco tigres, doze leões, dez panteras, leopardos, etc. Um velho amigo do mouro — o coronel-reformado Conde de Medina de la Reina — fidalgo de poucos bens, ofereceu-lhe casa e quinta nos arredores de Granada para êle se instalar. Aceitou — mas pouco depois partiu em viagem, sumiu-se, reentrou clandestinamente em Marrocos — deixando as feras ao cuidado do conde. Durante meses, com enorme sacrificio — foi-as sustentando; depois farto de esperar pelo amigo resolveu vendê-las; ninguém as comprava. Quiz oferecê-las! Ninguém as queria! E entretanto a fortuna do pobre coronel ia minguando; e se não resolvesse a matá-las — acabava por se arruinar!

O Jardim Zoológico de Londres, que está longe de ser o mais importante da Europa — acaba de publicar o seu balanço do fim do ano, números e avaliação dos bichos, receitas e despesas. Entre estas a mais quantiosa é a da alimentação.

O número total dos «hóspedes» do Jardim — excluindo os do aquário, das caixas de vidro para insectos — é de 4000 — avaliados em 35.000 libras. Está inferior ao de Hamburgo que conta 8900 animais, e superior ao de Berlim, Anvers, Budapest que possuem, 2300, 2000 e 1600 animais.

Dizem os directores do Jardim que os 4000 animais gastam um terço do seu valor, em alimentação. A conta da alimentação da bicharada é superior a £ 11.000. E no entanto poucos negócios dão idênticos lucros. A receita das entradas e dos divertimentos, etc., foi de 100.000, no último ano.

Para se ter uma noção do que êsses animais comem, basta dizer que o seu menu exige pratos de 46 toneladas de peixe fresco; rações de 1000 quilos de mariscos, etc., — além de 350 toneladas de ervas, 233 toneladas de carne de cavalo, 13 toneladas de maçãs e uvas, 16.000 laranjas, 4 toneladas de leite condensado, 6 toneladas de pão e cerca de 100 toneladas de vegetais.

O comissariado fornece cerca de 8 toneladas por ano de amendoim. Mas esta lista é só destinada aos animais... plebeus e ordinários. Para os aristocráticos e gulosos o menu torna-se mais

O que comem as feras... e os outros animais que, como feras, se alimentam. — O orçamento dum «menú» para a «Serpente-Rei». — Os gulosos, os níquentos e os gastrónomos. — Segredos da culinária do «Zoo» de Londres, Budapest, etc. — A gente que vive a procurar petiscos para os bichos

interessante, o problema da comida mais complicado, e, em proporção enormemente mais dispendioso. Certos bichos do jardim de Londres suplantam o Epicuro mais extravagante e exigente, bichos para quem uma simples refeição custa entre £ 3 e £ 5 por cabeça. A cobra-rei, também conhecida por *hamadryada* é um exemplo. Esta serpente gigante e venenosa, quatorze pés de morte repentina, provém da Malaya. Felizmente para os malaioes ela alimenta-se principalmente de outras serpentes, e no seu país natal ajuda a diminuir a população de reptis. Estes *specimen* de serpente é um dos graves problemas da direcção do jardim. Ela não só se recusa a ingerir outra qualquer alimento como só aceita e come umas serpentes pequenas que só existem na Malaya e que o Jardim de Malaya importa. Sem êste acepipe — preferem morrer de fome.

Pois bem. Cada refeição dêste género custa ao Jardim 5 libras!

A colecção dos reptis, tôda ela causa dores de cabeça aos directores do Jardim de Londres.

Outro epicurista é a iguana marítima, um lagarto de mar que só come uma certa alga. Essa alga deve ser apanhada três vezes por semana e só se encontra em poucos sítios da costa. É difficil de apanhar e tornou-se em modo de vida e ocupação permanente dos dois homens que as fornecem ao Jardim. Só por causa do mau tempo ou qualquer outro motivo, é que o fornecimento suspende e os lagartos passam fome.

As grandes cobras muitas vezes enfastiam-se dos menus habituais e o preço da sua alimentação aumenta. Uma delas decidiu ostensivamente festejar o Natal todo o ano. Só comia perús pequenos e gordos, recusando qualquer outra ave, de Janeiro a Dezembro!

Estes gulosos hóspedes do jardim dão dinheiro a ganhar a muita gente. Dilata muito a despesa quando a sua alimentação necessária não pode ser comprada no mercado, mas seja como for é preciso obtê-la! Além do homem das algas há outro que apanha «pulgas da praia» que se usam para abrir o apetite dalguns lagartos — e também como base da alimentação dalguns habitantes do aquário.

Outro fornecedor ganha duas libras por semana só com o emprêgo de percorrer certas regiões à caça de uma espécie de pequenos lagartos — única alimentação do Lagarto-Monstro da Guiné — espécie de crocodillo que impoz ao Jardim Zoológico o seguinte dile-



As 35 focas de Londres comem apenas 110 peixes graúdos diarios (40 libras... 4.400^{esc.})

ma; ou carne humana — mas servida... ao vivo — ou os tais lagartos, seus irmãos inferiores de raça...

Como veem ser-se dispenseiro duma Menageria não é muito mais fácil do que sê-lo dum grande hotel...

Brevemente

A biografia romanceada dum dos portugueses mais discutidos dos últimos os anos e cuja vida, aventureira, cosmopolita, emocionante, cheia de imprevistos e de teatralidade desperdou sempre a máxima curiosidade,

O «X»

Começa brevemente a publicar, em forma de folhetim, as revelações mais sensacionais dessa vida invulgaríssima e empolgante — reunidas por

Reinaldo Ferreira

(Reporter X)

Brevemente

Leiam no «X»

A vida de H... C... (F...)



Os segredos de Garat

Sexta-feira: As suas ordens, sr. «X»... Então o que me diz ao homem?... A qual homem? Ora... a quem havia de ser... Ao Henry Garat, o galã de cinema, o que está à mostra no Ginásio! Isto é que tem sido uma loucura... Eu pensava que eram só as raparigas novas, as «cinéfilas» que corriam atrás destes foguetes... Mas não senhor... Os rapazes... — rapazes e homens barbados — a correrem aí, por essa Rua da Trindade, atrás do carro onde ele vinha, a babarem-se todos — só para o



verem em carnhina — e ôso! Quando constou que ele tinha ido ao Rex — fez-se bicha à porta...

«A mim contaram-me umas coisas — a gente de teatro, que veem aqui muita, que bebe do fino! Quem tenha espreitado o tiro (é tiro que eles dizem, não é?) foi o sr. dr. Ricardo Jorge do S. Luiz... Mas não sei porque desajustados da empresa — o doutor desfez-se do contracto — e o sr. Eurico (Oh! Que espertalhão aquele sr. Eurico com aquele arsinho...) deitou-lhe a mão... Não lhe conto nada... O Garat veio a ganhar 15.000 escudos pelos cinco noites — aparte viagens... As cinco casas, que já estão passadas, com as duas sessões, rendem... 30 contos por noite. Faça as contas: 5 vezes 15 é igual a 75 contos — apenas com o desconto das tais despesas... Nas vespas de começar o reclame — o S. Luiz ainda tentou refazer o defeito — segundo me cochichou alguém lá de dentro — mas o sr. Erico (aquilo é que é um Garat, o sr. Erico!) é que foi na brincadeira! O negócio era dele — nem o dava a mais ninguém! Pudara! Pronto! Pó? Sublimado? Nada no cabelo?

Uma família única!

Quarta-feira: «Vá lá... Barba dia sim, dia não — já prova que está cui-

Confidências do meu barbeiro

Um advogado de Torres Vedras que é avô de si próprio. — Um parentesco labirintico. — Ainda os «mistérios» de Henry Garat em Lisboa. — Duelo de negócios teatrais. — Quanto ganhou Garat... e a empresa. — As últimas de Raquel Meller. — O segredo do seu camarim. — Os jornalistas no index da «vedetta». — O episódio com Irene Izidro

dando mais do seu físico... Aliaz — eu rapo-lhe os queixos enquanto o diabo esfrega um olho (perdoi a liberdade...) Sabe que nunca sai daqui sem um assunto... Olhe... Conhece aquele cliente que estava antes de si... Ele complimentou-o, quando, entrou... É advogado, sim senhor — mas vive em Torres Vedras... O Dr. L... T... Contam dele aquela história... Não conhece... Não sabe que ele é avô... dele próprio? Não se ria — que é verdade... O sr. Gusmão do «Diário da Manhã», que é lá da terra confirmou a história... É muito falado o caso — lá em Torres Vedras... Quere saber como foi que ele arranjou esse embroglio de parentesco? Eu lhe conto... O Dr. L... T... casou com uma viuva — D. L... S... T... — que tinha uma filha já senhora; o pai do doutor — casou com a filha da viuva, da nora — ou seja a enteada do filho; assim o pai do Dr. L... T... tornou-se genro do filho — e a enteada — ficou no lugar de mãe... do padrasto. Tempos depois a esposa do doutor teve um filho — que era, naturalmente cunhado do pai do doutor — e tio... do mesmo doudele (madrasta e enteada, simultaneamente!). Ora a esposa do pai do doutor também teve um filho — que é, ao mesmo tempo, irmão do doutor, visto que era filho do mesmo pai; e neto porque era filho da enteada... Mas temos mais: a esposa do doutor é ainda sua avó — porque é mãe da mulher do pai — e o doutor é, ao mesmo tempo, marido e neto... da esposa! E como o marido da avó de qualquer pessoa é forçosamente avô do neto da mulher — o doutor é avô... dele próprio! Vê como não perdeu o seu tempo a escanhoar as faces? Leva daqui o mais complicado *specimen* das histórias deste género... E agora... até quando?

As últimas de Raquel

QUARTA-FEIRA: Vamos lá a essa barba... Já tem mais de 48 horas... O senhor não se preocupa muito com o seu físico... Olhe que o físico é tudo! Uma pessoa cuidando-se, preocupando-se com o espelho — ganha saúde e até... mocidade! Os médicos deviam receitar barbas diárias e até bi-diárias a certos doentes de acabrunhamento psíquico...



(E... psíquico que se diz, pois não é?) Veja os actores... Nunca envelhecem... Os anos passam — e eles parecem sempre meninos... E então as atrizes? Como? Se a mocidade delas também é devido à pontualidade com que se barbeiam? Não, ria, sr. X, não ria... Uma, pelo menos, conheço eu, que tem gastado um dinheirão para despelar as faces...

«Mas — voltando à vaca-fria... Sabe que idade tem a S...? Tive um freguez que a conheceu nos seus inícios — quando era corista de *tournées* pela provincia... E dizia elle: «— Em 1912, andava ela pelos seus 24 ou 25 anos! Isto ha 23 anos. Faça as contas... Quarenta e sete ou oito só! E quem a vê não lhe dá mais do que trinta e tal... E a L...? Qual cincoenta! Ponha sessenta — e não erra! E a P...? Essa não nega... Deve ter menos três ou dois do que a L... A própria A... R... Não é assim criança — embora seja nova... Estreou-se — recordo-me bem — em 1916 ou 17... Teria os seus vinte e picos... Ponha-lhe uns quarenta e... alguns!

«Mas isso de actores e atrizes é um negócio. Outro dia estive aqui um collega seu furioso contra essa Raquel Meller! O que elle lhe chamou, Pai do Ceu! Pelo visto — tinha razão — porque não foi o primeiro a apontar as mesmas histórias. Raquel Meller recusou-se desde o primeiro dia a receber fosse quem fosse — até jornalistas. Mais! Entrava no teatro, fechava-se no camarim com as suas costureiras — e era como se tivesse caído num túmulo. Não havia ordem nem sequer para lhe bater à porta. O próprio secretário — e só em casos excepcionais — tinha de tamborilar um sinal maçónico para ella lhe responder. Quando chegava o seu número os seus subditos iam varrer o palco. Os carpenteiros e maquinistas tinham de se afastar — de recolherem aos corredores. Até os bombeiros e policia eram obrigados a estacarem no limite regulamentar — sendo-lhes proibido não só espreitarem, por entre os bastidores o espectáculo — como colo-

(Continua na pág. 14)

Falta de memória



— O policia sinaleiro, atacado de amnesia: «— Não há maneira de me lembrar para que me deram este pausinho!»

“Cemitério da Glória, da Saúde — e... da Verdade”

Um jornal é como um mapa topográfico da Vida... Desdobrando-se a planta duma cidade — encontra-se, no seu tracejado, o «fundo» e o «fait-divers»; o «folhetim» e o «carnet-mondain»; o «estrangero» e a caricatura — como abrindo uma gazeta se vêm sintetizados os «boulevards» e os «hospitais», as «vielas» e os «teatros», os «monumentos» e os «jardins»...

Desenham sempre, em todas as topografias citadinas, uns rectângulos, habitualmente gravados a verde, cravados de cruzes negras e de miniaturais ciprestes. Na chamada correspondente a esta indicação, lê-se, umas vezes «Père-Lachaise», «Montmartre» ou «Montparnasse» — se a planta é de Paris; «Prado do Repouso» ou «Agramonte» — se é do Porto; «S. João» ou dos «Prazeres» (que cruel ironia!) — se é de Lisboa. Os jornais — como os mapas topográficos — têm, muralhados a tinta, os seus cemitérios, genericamente conhecidos por «Secção necrológica».

No seu enciclopedismo forçado o jornalista, fenómeno dos sete instrumentos, também pratica a dura e macabra tarefa de coveiro — conseguindo, alguns, à força de permanência no frigorífico profissional — a gelar a alma à mesma insensibilidade, indiferentismo, do enterrador de mortos. Podia aproveitar a própria deixa — e pôr ao lume da prosa dezenas de episódios risonhos — a que assisti ao longo de vinte anos de jornalismo. Recordaria, por exemplo, o bonacheirão do M... que foi — e creio que ainda é — o especialista máximo das necrologias, monopolizando, por direito, as secções de mortos de todos os diários — o M..., magro, em ângulo agudo, negro de fato duma só pincelada de Nanquim, tímido, silencioso, de olhar esquivo, um ar crónico de quem acaba de sofrer a perda de um grande amigo, um ar profissionalmente fúnebre, tão profissional e indispensável como o *maillot* é para o acrobata ou como as bandarilhas para o toureiro. Quando êle entra numa redacção — aí por volta das onze da noite, a trazer as notícias dos mortos do dia, — esfria o ambiente...; e todos os camaradas exclamam, em côro:

«Até que enfim! Chegou a alegria desta casa! E M..., invariavelmente, meio enfatiado meio tolerante — riposteia: «Lá estão vocês com a chacote! Se tivessem, como eu hoje tive, trinta e dois «falecidos» às costas — não estavam em maré de graça!»

Uma vez morrerá um político de baixo-relevo — mas exigindo, mesmo assim, alto relevo na prosa jornalística. Dera meia-noite — e o bom do M... não assombrara ainda as salas do «Século» com a sua presença. Quando apareceu, o chefe de Redacção que era, nesse período o grande jornalista Rocha Júnior, protestou, acalorado: «— Nem parece teu... Morreu Fulano; são estas horas: nem o retrato... nem uma linha de informação!»

M... subiu um milímetro as pálpebras eternamente semi-cerradas — e confessou: «— Eu não sabia que Fulano... Coitado! E onde vivia êle?»

O jornal — mapa-topográfico da vida e da morte. — Os cemitérios dos jornais. — Histórias sobre os repórteres necrológicos. — O que era... «a alegria das redacções». — O «especialista de defuntos» da imprensa portuense. — «Gaffes» e «blagues». — O coveiro do «Hamlet».

— Melo Barreto jornalista. — Como conheci Melo Barreto. — Carlos de Oliveira, o que representou, com talento, a própria morte. — A T. S. F. «grand-guignol». — Outros mortos.

Era na Rua de S. Bento — a mais longa de Lisboa — mas ignorava-se o número. V... abalou, fogueado, e durante horas calcurreou S. Bento, bateu a dezenas de portas, galgou centenas de degraus — sem atinar com a residência do defunto. Exausto, desesperado, suando como no Sahará — decidiu-se a interrogar um guarda-nocturno. Mortos — lá na rua? Só se fosse naquele terceiro andar da esquina... Farejara algo de tragédia — janelas fechadas, visitas solenemente enlutadas empunhando flores... E M... — lá trepou mais aquela escada... Vem atendê-lo uma dama de negro, de olhos avermelhados de pranto, beijos trémulos...

«— Perdõe-me, minha senhora... Foi aqui que o sr. Fulano...»

E ela, sem dar-lhe tempo para rematar — desaguou de novo as lágrimas... «— Foi... sim! As quatro da tarde...»

M..., num desabafo irrepreensível, aspirou fundo, bufou, esbaldou os olhos, sempre invisíveis, num clarão de alívio — exclamando: «— Ora ainda bem!»

«— Ainda bem, seu... miserável! — berrou a dama numa brusca e legítima



V... o jornalista especializado em mortos, na imprensa portuense

epilepsia de revolta ante aquela agressão brutal à sua dor. — Desapareça já daqui — se não quer que eu chame alguem que...»

E o pobre M..., por mais que tentasse remendar o mal feito — voltou ao jornal, semi-desasado, encolhido, sem a notícia... e sem o retrato do falecido...

Morreu, há pouco no Porto, um outro especialista da necrologia... Este era um virtuoso do *metier*! Nunca soubera fazer outra coisa — nem mesmo o jornalismo. Era o V...

«— Ando cá, pelas gazetas, há quarenta anos! — dizia, com certo ênfase. — São perto de 16.000 dias de trabalho — a uma média de dez notícias necrológicas diárias — façam a conta! Posso orgulhar-me de ter na minha carreira 160.000 cadáveres!»

Era um velho simpático, folgazão, excêntrico, pouco culto — mas optimista, amando a Vida — e confiando nela como se tão longa e variada convivência com defuntos — lhe houvesse inspirado o convencimento da eternidade na terra, por apadrinhamento da Morte. A Morte era para êle uma individualidade poderosa que o estimava, o protegia e que fechava, por favoritismo, os olhos aos anos que iam passando pela sua carcassa...

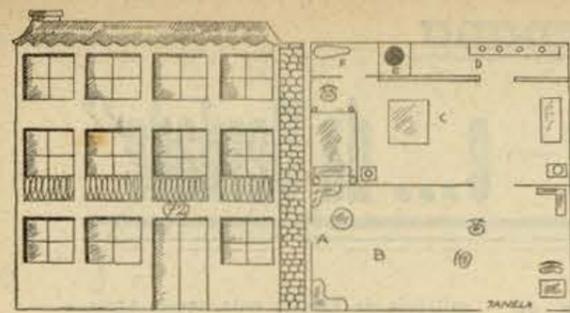
Orgava, quando o conheci, na redacção do *Janeiro*, pelos sessenta e muitos. O seu uniforme era um fraque negro, de «guarda-roupa teatral», sebento, salpicado de nodos, umas calças virgens de ferro, em saca-rolhas sobre as botas. Arrastava uma bengala como os pequenos que «brincam aos cavalos», parecendo estar prestes a montá-la; o seu chapéu de côco; podia, há muito, ser *mole*, pela flexibilidade que o tempo lhe dera; os olhos claros raiados de vermelho e pestanejantes e nariz abatado, tracejado de sinais de fígado, vermelhudo. Esse homem vivia dos mortos — e para os mortos... Uma noite, estando de passeio na Foz, fui avisado de que o saudoso Jorge de Abreu, então director do *Janeiro*, me buscava porque... surgia assunto graúdo. Tomei um taxi — e em quinze minutos estacava na Rua de S. Catarina. No momento de pagar ao *chauffeur* vejo sair do jornal — o nosso homem... Corri para êle — e ansioso indaguei: «— O que se passa?»

O velho coçou o nariz, encolheu os ombros — e com um ar de desconsólo... elucidou-me:

«— Hum! Nada que valha a pena! Um enterro de segunda classe — e sem fotografia do falecido! Foi um dia... morto!»

Podia estoirar a guerra de Portugal com o Japão, quebrar-se a ponte de D. Luis — como se fosse uma tábua e atirar para o Douro centenas de pessoas — que, desde que o acontecimento não desse uma notícia necrológica de meia coluna, pelo menos — não lhe interessava. E para o seu critério jornalístico, número em que a sua secção não

(Continua na pág. 13)



A frontaria da casa Jacob, em Goeth-Strasse, 72 e a planta do rez-do-chão da travessa de Augustus Platz (D: indica a cozinha; E: o cubículo de porta falsa onde estava o alcapão) (gráfico de «Detektiven»)

O homem dos subterrâneos

Os sob-solos labirínticos. — As dez residências de Leipzig. — Os "homens dos subterrâneos" que conjura contra Cramwell, no século XVII. — Leite contra D. João IV. — As cinco casas subterrâneas...

... e os nomes de Herr Jacob Hein, de Leipzig. — O engenho de Lord Sinford. — A -O dedalo. — O plano trágico de Domingos do cristão novo. — A velho fenório e o seu noroso, em Cintra.



... Omestre de obras polaco, fugiu, apavorado do auto incendiado...

O «homem do subterrâneo» pertence a certa galeria patológica — um friso que começa a desbobinar-se, confusa e penumbrosamente, na ante-aurora dos Tempos, e que, nos últimos séculos, em ritmo a todos os aceleramentos, atingiu verdadeiras maravilhas. O subterrâneo — que é o ex-libris do Mistério, o símbolo de estratégia dos que se ocultam para melhor prepararem o salto, o melhor refúgio e a mais blindada garantia de impunidade para os que premeditam a frio, calculadamente, as proezas mais audaciosas ou que bifurcam a vida duplicando a personalidade — uma, à luz do dia — outra encapotada em trevas — é também, de todas essas ardilezas, a menos divulgada, a menos conhecida, a menos revelada — precisamente por ser... subterrânea, por estar fora do alcance dos olhares...

... Rocha Martins, o ilustre historiador que nos honra com o seu nome no elenco do «X», Oliveira Abrantes e mais dois ou três camaradas tínhamos perdido a noção do tempo, paralisado o relógio da Abadia — aquela madrugada — numa tertúlia amena. Ao bater das três — Rocha, — o trabalhador infatigável — como ouvindo um clarim debandou... Dali a poucas horas entrava na batalha quotidiana e rija do seu gabinete — e precisava repousar; mas os que ficavam estavam ainda sob os efeitos da sua palestra emocionante — onde se falara em «subterrâneos» e um de nós, Costa Xavier, traçara senão o elogio — o simbolismo dos subterrâneos... E prosseguiu:

«— Todos os grandes *affaires*, quando bem esmiuçados, são minados de... subterrâneos. Veja-se o caso Stavesky... Nunca esse imenso e selecto bando teria conseguido tais prodígios folhiteiros — senão se tivesse, preventivamente, assegurado com... alcapões, com caves labirínticas...

Oliveira Abrantes, o jornalista português pouco crédulo ante fantasias exuberantes e inhábil na maquiagem dos seus pensamentos, exclamou, entre risadas:

«— O' Xavier! Onde foste tu arranjar subterrâneos ao caso de Stavesky? Queres *impingir-nos* a história de que o célebre aventureiro safu, como Mefistófeles do Fausto, dalgum buraco; que os seus colaboradores conjuravam em catatumbas, plageando, sacrilégamente, os primeiros cristãos romanos; que o juiz Prince, o comissário Rolly, o deputado Dubier, o perfeito Gaspard — foram assassinados nos canos de esgôto de Paris — como certos personagens de Eugénio Sue e do teu homónimo Xavier... — de Montepin?» Costa Xavier sorriu num sóbrio alarde de vencedor — desdobrou o «Devollé» recém-chegado — e mostrando-nos um artigo da terceira

página, à largura da 3.^a e 4.^a coluna, encimado pelo título «Herr Jacob Heins ou Monsieur Raymond Duplier ou Mister William Puckering ou Señor Don Julio Soler, le misterieus fantôme de Leipzig et plenipontenciaire de Stavesky». Lido o artigo — reduzindo-o ás próximas sabendo:

O homem dos 10 nomes e 20 residências

«Das deficiências policiais neste inquerito em França — diz o articulista que usa o pseudónimo (?) de Max-Paris — não nos devemos surpreender por-



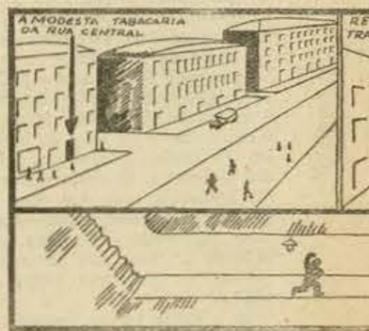
Jacob Heins fregolisava-se em D. Jálvio Soler, quasi à vista dos seus amigos...

mente explicadas. O bando comentara com grilhetas de ouro os principais funques das estão eloquentes e vergonhosos — e os ignorados sobreviventes, usando, na sombra, do mesmo processo não permitem que se descubra o que lhes pode causar grande desalinho ao seu jôgo. E assim se compreende que, ante a evidência de mil ramificações no estrangeiro — não se desse ainda um passo firme nem sequer se formulasse uma promessa de investigação sobre o «corpo diplomático secreto» que o estuendo «Estado de Escroques», com capital em Bayona espalhara por esse mundo fora. O que pasma, sim, é o silêncio que a imprensa, mesmo aquela que mais estoicamente tem enfrentado o assunto, teve em redor desse mesmo aspecto da questão. Um exemplo bem frizante é o que se passa com o «plenipotenciário» de Stavesky na Alemanha. Falou-se que uma das figuras marcantes de toda essa *mise-en-scene* de ignominias era um cavalheiro do passado — presente indiciáveis, que fôra apresentado, em Paris, por altas individualidades da política francesa sob o no-

me de Jacob Heins, banqueiro, indiscutivelmente o chefe da *legaço* da quadrilha para todos os seus negócios no ex- (?) Império, figura ultra-suspeita que se dizia residente em Leipzig e que um precalce poz ante o index da polícia daquela cidade alemã. A prova de que a sua consciência não estava tranquilla está em que, aos primeiros sintomas de ofensiva dos detectives — o cavalheiro sumiu-se sem deixar rasto. Eram tão berrantes as razões que levaram a polícia alemã a perseguir-lo — que toda a imprensa do paiz visinho fez de assunto «um caso escandaloso; escandaloso esse que se dilatou até pascar a opinião pública — quando se conseguiu difanisar, numa pequena parte, os segredos que correspondiam á articulação quasi invencível da vida misteriosa de Herr Jacob Heins. E contudo os jornais franceses, mesmo os... *tais*, os que estão afoitamente na ofensiva, mal deram pela gritaria dos colegas germanicos. É estranho!

Apoz um bom naco de prosa, arrepiada de insinuações deste quilate — o articulista conta o que foram as tais descobertas.

«Pelo visto Herr Jacob Heins, era um individuo bemquisto, respeitado, numa pequena zona financeira de Leipzig. Contra ele — não existe uma suspeita; não se lhe aponta um gesto menos correcto; uma acção menos digna; a falta a um compromisso. Vivia num pequeno *chalet* nas proximidades de Goeth-Strasse, número 72, sosinho, comendo nos *restaurants* discretos, e fazendo grandes ausências. Pelo menos a vizinhança e os que com ele lidaram nos negócios assim o afirmam. Mas eis que se descobre a existência dum Monsieur Raymond Duplier, comerciante belga, inquilino dum rez-do-chão numa travessa próxima a Augustus Platz, que ele só habitava em pequenos períodos — ausente, quasi sempre, em viagens de negócios; e a de um subdito britânico, William Puckering que apoza a guerra montara uma luxuosa tabacaria, ao lado do «Faun-Kabaret» — numa rua central — estando poucas vezes á frente da loja, de cuja gerência

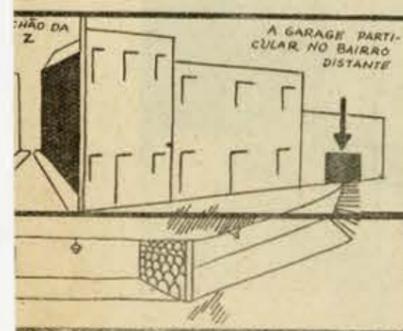


Uma síntese do maquiavilismo subterrâneo de D.

encarregara um jocem de confiança — mas possuindo, nas trazeiras, um pequeno *appartement*, onde se instalava nos períodos em que permanecia em Leipzig; e ainda um fidalgo espanhol, Señor Don Julio Soler que, a pretexto de uma amante — artista de *music-hall* naquela cidade, vinha, várias vezes por ano a Leipzig, hospedando-se em qualquer luxuoso hotel — mas, possuindo, num aristocrático bairro uma pequena garage — capricho caro visto que ela só servia para o auto da odalisca e para o seu Rolls-Royce. Durante meses os detectives alemães estudaram a existência de cada uma destas personagens — acabando por concluir que todas elas formavam uma e a mesma pessoa — ou seja: que Herr Jacob Heins, Fregoli imérito, se desdobrava em todas elas...

«Havia apenas um detalhe que os desnorreava: era o *segredo* das ligações entre essas personagens; o *mistério* como o belga, apoz um negócio bancário, ia deitar-se, tranquilamente, na sua casa de Goeth-Strasse 72, fechando as portas, apagando as luzes, não saindo — e pouco depois saía da garage do bairro distante o fidalgo espanhol com o seu Rolls-Royce... Simultaneamente, brocando essa múltipla personagem em cada um dos seus disfarces — apercebia-se que (á parte do honrado e considerado Jacob Heins) todos eles chefiavam negócios escuros.

«Começaram pela prisão de cúmplices — e nova surpresa apatetou os policas. Os colaboradores do britânico tabaqueiro em certas falcatruas — ignoravam, sinceramente, a existência dum belga, Raymond Duplier, «Fantomas» doutro género de proezas; assim como os cúmplices do belga — desconheciam a existência do fidalgo espanhol, contrabandista de jóias! A determinada altura do inquerito — desapareceram todos: o alemão, o belga, o espanhol, o inglês — e ainda certo austríaco, certo italiano, etc. — que deviam ser um prolongamento ou variante do mesmo Jacob. Um acaso ofereceu á policia a verdadeira pista. Um mestre de obras polaco, recém-chegado a Leipzig á busca de trabalho, depois de se afoguear com álcool, na com-



... de Jacob Heins, segundo um desenho de «Detektiven»

panhia duns compatriotas, numa taberna, rezolveu dar um passeio de taxi. O taxi choca-se frente á tal garage do fidalgo espanhol — com o carro em que a amante de D. Julio Soler saía... O taxi incendiou-se e o mestre de obras, fugindo apavorado — confidenciou, inconfiante pelo vinho — que aquela garage lhe era fatídica posto que, a primeira vez que viera a Alemanha, fôra precisamente para fazer um trabalho... misterioso naquele local e que por um pouco não ficara soterrado. Um dos que o ouviram, puchou-lhe pela lingua — e ele, palrador — cochichou-lhe que tinha sido contratado, anos antes, por um cavalheiro



O marquês de Saint-Trevill que preparou um labirinto de cinco subterrâneos para conseguir a evasão da rainha Maria Antonieta — sendo descoberto quando preparava já as caves da prisão do Temple

de Leipzig que o encarregara de recrutar uma brigada de operários... discretos e que pagara por bons preços, não só a deslocação (mal acabara a obra reexportara-os á pressa, como se temesse que se demorassem na cidade) como também o... silêncio. Preso o polaco, apertado em interrogatórios, apenas lhe conseguiram uma inconfidência... Que o trabalho encomendado era o de abrir certos subterrâneos...

Esta escorregadela holofoteou aos detectives um novo caminho. A garage, a casa de Goeth Strasse, a tabacaria central, o rez-do-chão foram espionhados minuciosamente — e acabaram por encontrar, em todos, uma porta falsa que dava para um cubículo; cubículo onde se abria um alcapão; alcapão que dava para uma escada e esta para uma cave... E assim deram com um verdadeiro labirinto subterrâneo, salpicado de lampadas eléctricas, de velas de estearina co-

locadas em sítios estratégicos (na previsão de qualquer falha); angulos cortados com portas cenográficas para que, em caso da policia descobrir um dos corredores, estancar ali e ignorar aquela ligação geral, etc., etc. Era este o principal segredo de Herr Jacob. Inventava uma viagem, metia-se em casa, em Goeth-Strasse; fechava as janelas de dentro; os vizinhos, julgavam-no ausente... Entretanto, ele percorria os seus subterrâneos, subia ao seu rez-do-chão da travessa próxima de Augustus Platz — e surgia, na manhã seguinte, encarnado no belga Raymond Pletier; ou quando o gerente do Tabacaria, visinha ao Foun-Kabaret chegasse á loja — encontrava-a já aberta e o patrão — o ilustre William — lá dentro — explicando a sua presença com o facto de ter vindo de Londres...

«A imaginativa deste cavalheiro era bem digna do bando Stavesky!»

Um «homem de Subterrâneos» do tempo de Cranwell

O «Homem dos Subterrâneos» — já o dissemos — é de todos os tempos — e nem sempre aplica o seu engenho, a sua vocação ás façanhas inconfessáveis e criminosas. As «histórias» da «História» estão cavadas, minadas de dedallos, nos seus sub-solos...

Um exemplo: a maior conspiração que se conjurou contra Cramwell, em Inglaterra, aquela que, entre tantas, no auge do poderio do ditador, mais o preocupou foi a que os cronistas posteriores rotularem com o nome de «The Red Busterfer of Sinford». Chefiava a conjura Lord Sinford — que todos davam por emigrado, na Suíça; e esse simulacro de destêro foi feito com tal perfeição teatral que uma «contra-figura» se pavoneava em Zurich, usando aquele título e com quem todos os outros exilados, embora conhecedores da carnalvalada, lidavam como se tratasse do... autêntico. E os esbirros que Cramwell encarregara da vigia dos emigrados — jamais se aperceberam do lógro.

Lord Sinford, inimigo rancoroso — a frio... — de Cramwell, fizera o seu plano de ataque, em todas as suas subtilidades — como se fôsse uma batalha em que se entrecocassem todos os exércitos da Europa. Confiando em poucos cúmplices — mas sabendo de forma forte e positiva que podia contar com eles — impoz-lhes primeiro, uma atitude, senão servil, para com o vencedor, pelo menos de perfeita apatia ou de indiferença ou de resignação. Cinco ou seis famílias aristocráticas formavam o Estado Maior do *complot*; cada família possuía o seu palácio donde pouco saíam — e quando

(Continua na pág. 15)



Henry Garat, o seductor, a d'izido

UMA multidão acorreu ao Ginnásio, num verdadeiro misticismo... cinematográfico — acolhendo o *parisiensissimo* galá dos *écrans* numa apoteose ruidosa, fanática — como poucos artistas nacionais, dos de alma, dos que, só por si, explicam um teatro (como Adeline, como os Rosas, como o Ferreira da Silva, como a Angela, como o Alves da Cunha, nunca conheceram) como nem aos próprios «axes» mundiais da ribalta que nos têm visitado (desde Zaconi a Vilches) foi proporcionado. Assisti à sua estreia, e se, por momentos fui atormentado pela visão íntima e espontânea destes contrastes, injustos e cruéis pela evidência da ingratitude — e até da degradação do gosto do público, fanatizado e snob, não pude, de facto, esquivar-me ao contágio do ambiente, febril de entusiasmo, de embriaguez, de volúpia espiritual — e até ao agrado com que escutei a «Ville d'Amour» que é, incontestavelmente, animada, embalada por um verdadeiro artista.

Mas, desde a primeira hora em que se publicaram os primeiros anúncios... insinuados, maquiados em notícias ou em simples boatos; em que, já mais claramente, se afixaram, num berro litográfico, pelas paredes, os primeiros cartazes, até que me sentei, no meu *fauteuil*, no Ginnásio, — que se me grudara à curiosidade a mesma pergunta — formulada a frio, pelo sub-consciente, — virgem de influências *cinéfilas* e insensível a habilidades publicitárias:

— Henry Garat... em Lisboa? E por-

Reportagens sôbre o que não... se diz

A verdadeira razão da vinda de Henry Garat a Lisboa

que não em Budapest ou em Roma ou mesmo em Londres, onde os empresários, garantidos por um público mais esbanjador, sugestivo e assíduo, lhe podia oferecer, por motivos mais eloquentes daqueles com que se explica o interesse dos portugueses em vê-lo, contractos incomparavelmente mais saborosos, quantiosos... e longos? Henry Garat deslocou-se até Lisboa, em auto-car emprestado pela Ufa, atravessando a Espanha — a Espanha com tantos viveiros de intoxicados, de morfínomas — e, sobretudo, de morfínomas do *écran* que são Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Zaragoza, todas as cidades, da Andaluzia à Galiza, onde não existe *modistilla* nem burguezinha, *señorita bien* nem aristocrata, que falhe ao cine do seu bairro, que deixe perder um filme de Garat, que não tenha uma foto de Garat com dedicatória... autografada... pelo secretário, um pobre diabo espécie de *sozia da caligrafia* como ele, Garat, o era, por *físico*, do czar russo, no «Congresso que dança»... atravessando a Espanha, sem se exibir num só tablado — e estacar em Lisboa? E todo este incomodo de Sua Excelência para quem, não já os dias — mas horas — têm valores máximos na Bolsa do Cinema Mundial — só para nos honrar, durante cinco dias, com as suas cançonetas, vagamente à Chevalier, tomar dois cálices de Porto, no «Rex Bar», com o Erico Braga, e botar retrato no «Diário de Lisboa»?

Não era preciso ser mago para afirmar que a mola que o disparara de Paris devia ser muito outra. Mas outra... qual?

O mistério tentou-nos — e conseguimos rasgá-lo — como se se rasga um cenário vistoso e se descobre, atrás dum papel policromo e vistoso, toda a maquinaria duma *feerie*...

Mas... expliquemos um pouco a vida de Henry Garat — como quem faz o preambulo duma novela...

...era uma vez um Henry...

... que era filho dum actor com certo cartaz que foi dado por morto, durante a guerra. E o joven Henry, chefe de familia — torna-se moço de cozinha, empregado duma fábrica e depois electricista. Já então ia ao cinema e colecionava retratos dos... Garats daquela época. Quando do armistício — o pai resuscita; e ele, depois de frequentar o Conservatório de Bruxelas, onde fora notado pela vocação evidente e pelo físico insinuante — estreia-se no teatro. Como pulou dos palcos para os «estúdios» — ignora. Sei que rapidamente foi enlaçado por dezenas de contractos que o faziam girar numa dubadoura, da Europa para a América, da América para a Europa, do Aubert para a Ufa, da Ufa para a Paramount, da Paramount para a Fox...

Como bom «star» de cinema — não podia falhar no reclame vivo do Amor. Casou pela primeira vez na América. Depois... o divórcio do ritual. Só mais tarde, em 1933 casou de novo com Betty Rowe, bailarina de renome. A princípio viveram felizes mas logo se debruçaram sob... a mútua libertação... Em Setembro de 1933 foi Henry Garat com sua mulher cumprir um vantajoso contracto à América. Foi essa a sua primeira viagem a Hollywood. Começa, nesta altura, a triste novela que explica a sua vinda a Portugal...

A mulher morena que...

A sua chegada a Hollywood teve a pitorescência máxima de publicidade: banquetes, histórias, aventuras, etc.

A volta do seu nome teceram-se as mais exqu岸itas fantasias amorosas; quasi sempre imaginados pelo seu reclamista. Garat não passava dum homem para quem a celebridade era um modo de vida; portanto limitava-se a sorrir ante a

Era uma vez um Henrique... — O público lisboeta, os artistas e o snobismo. — O reclame do amor... — Paris, Berlim, Hollywood — e uma portuguesa. Quem era «ela». — A história duma grafonola. — Janet Gaynor — intermediária involuntária. — Os «negociantes» de corações — O que se passou no domingo 26. — Um triste passeio a Cintra. — Uma profissional de... folhetins reais. — O automóvel n.º 2?

publicidade «a viver como um bom burguês... casado!»

Janet Gaynor era uma boa e dedicada amiga de Henry Garat. Saíam sempre juntos do «estúdio» e visitavam-se mutuamente. Uma tarde Janet teve a infeliz (?) ideia de apresentar ao seu amigo uma joven de 22 anos, morena e de olhos grandes cheios de expressão. Não se tratava duma colega dos filmes, nem tampouco uma das «cem mil e tal» que todos os dias esperam a sua vez de figurarem num ou noutro filme. Era a filha única dum riquíssimo industrial de lanifícios de Nova York e chamava-se... Maria Amélia da Cunha e Silva, natural de Oliveira do Hospital, como seu pai.

Já em Portugal o sr. João Vaz da Conceição e Silva tentara a indústria de lanifícios. A América porém era a sedução da sua vida. Ali em pouco tempo conseguiu milhões e rodeava sua esposa e filha de todo o conforto que a sua enorme fortuna podia proporcionar.

Maria Amélia era amiga íntima da Janet muito antes das tentativas desta para o cinema. Não sendo irmãs a amizade que as unia valia por isso. Henry Garat ao conhecer a nossa compatriota achou-a bonita. Isto dum homem de cinema achar uma mulher bonita dá sempre... filme!

Acostumado à conquista fácil de todas as mulheres pensou que dentro em pouco a teria a seus pés rendida de amor.

Enganou-se, porém. Maria Amélia era inseduzível.

As frases galanteadoras respondia sempre mordaz e aos sorrisos mais intensos e provocantes antepunha um desprêso esfíngico.

Janet Gaynor vendo o interesse do seu amigo preveniu-o que desistisse. A sua amiga não o tolerava sequer.

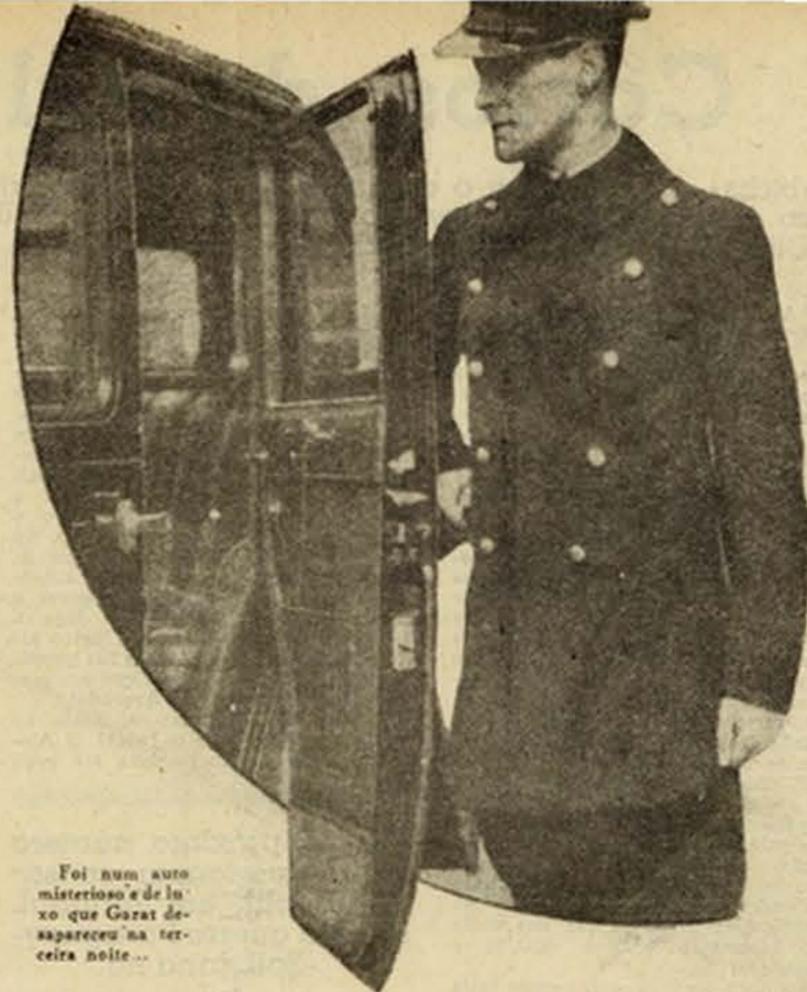
Assim era de facto. Maria Amélia tinha para Henry Garat um coração de pedra, talhado do cinzento granito da nossa Beira.

Uma preciosa grafonola

Henry Garat sentia-se verdadeiramente perdido de amor.

A resistência — é bem claro — aumentava sempre o anseio e a morbidez do desejo. Amava sinceramente a Maria Amélia fugia-lhe cada vez mais.

Passados alguns meses o sr. João Sil-



Foi num auto misterioso e de luxo que Garat desapareceu na terceira noite...

va voltou à pátria distante por um período indefinido. Sua filha e esposa vieram também. Por seu turno Henry Garat mal a falha dos «estúdios» abrandou veio em busca, até Portugal, daquela que lhe fugia.

Viajou incógnito, sem alaridos nem reclamações. Em Lisboa poucos o conheceram. No entanto uma artista de declamação de imenso talento, actualmente no Maria Vitória e um simpático Garat nacional empresário, *blagueur*, «double» de actor e autor, travaram conhecimento com ele. Também uma elegante senhora, ao tempo residente na Rua Bernardo Lima, 112, 1.º, E., que desde o princípio da carreira cinematográfica lhe escrevia foi a sua confidente e o seu guia na nossa capital. Chamava-se a citada senhora Irene Waldez e encontra-se actualmente na Suíça procurando a cura duma sua filha de 8 anos.

Aqui Henry Garat descobriu, sem grande custo Maria Amélia. Janet Gaynor continuava a ser uma boa amiga.

No entanto, o mesmo desprêso veio encontrar e o mesmo soberano desdém, pelas suas promessas de amor eterno.

Ela, talvez por ter conhecido bem de perto a capital do «filme», pouquíssimo — ou mesmo nada — se importava com o cinema e desconhecia em absoluto os êxitos artísticos de Henry Garat.

Este teve então a ideia de lhe oferecer uma luxuosa grafonola e uma colecção de discos dos seus «filmes». Recordou a D. Irene Waldez que pessoalmente se encarregou da compra. Nos registos da casa Columbia deve existir a prova do que afirmo.

Tempo perdido, no entanto. Maria Amélia se por boa educação não

devoeu o presente continuou a mostrar-lhe o mesmo desgosto de sempre.

Uma viagem frustrada

Henry Garat voltou de novo à América. O seu amor, porém, era cada vez mais intenso a ponto de ter crises de desespero.

A sua carreira trouxe-o novamente à Europa. Por várias vezes realizou «demarches» para vir a Portugal rodeado de toda a popularidade e reclame. Falta, no entanto, a oportunidade...

Levou perto de um ano à espera do dia que só na passada sexta-feira, 25, chegou.

A sua alegria era enorme. Mostraria à mulher que o desprezava quanto valia o seu sorriso e como as outras mulheres — como ela igualmente lindas, o disputavam e apreciavam.

Não era seu intento procurá-la mas desejava vê-la. Julgando saber que as mulheres apreciam a impertinência escreveu-lhe, revelando o verdadeiro feto da sua viagem. Esperava vê-la no teatro — dizia — e bastava uma chamada telefónica sua para lhe marcar uma friza.

Maria Amélia, porém, não apareceu. Está para casar e o seu noivo é o seu ídolo.

Alguem — certamente por inconfidência da mesma pessoa que nos fez estas revelações — teve igualmente conhecimento do verdadeiro objectivo de Henry Garat e resolveu aproveitar a oportunidade para a realização dum plano que renderia uma boa soma.

No domingo, 27, logo pela manhã, recebeu Henry Garat um telefonema pedindo-lhe que se dirigisse imediatamente a Sintra e... absolutamente só. Era

(Continua na pág. 14)



CASA DOS DISCOS
J. L. FIGUEIREDO, LIMITADA
59, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 59
LISBOA
TELEF. 2.4714 — CAX. RIBEIRO



Garat, D. Maria Amélia da Cunha e Silva — e o recibo da celebre grafonola e...

Carlos de Oliveira

A «bicha» de morte—ou o quadrado fatal a que êle perfencia. — O episódio do sulfão furco e do jovem oficial favorito. — A morte... surpreendida. — Um desabafo de Carlos de Oliveira sobre «1808». — A última cêna da sua carreira — ou o conto trágico da T. S. F.

CARLOS de Oliveira estava na «bicha» da Morte. A Morte é mais metódica do que muita gente julga. Existe algo de ritmo nas suas selecções. Se um desses matemáticos-maniacos que passam a vida a engendrar martingalas para garantir os plenos nas roletas; que descobrem, tôdas as semanas, um processo (e quasi sempre convincente) de se saber quando, na «banca-francesa», sai o grande ou o pequeno; ou que se dedicam a folhear as colecções das listas da Lotaria, a aumentar algarismos, a moê-las em operações complexas, a concluir que por A e B— C e D, o número 3742 deve estar à bica da sorte grande — se um desses maduros, dizia eu, se desse ao trabalho de aplicar essa ciência ao recrutamento da Morte— podia, estou certo, dentro das mesmas possibilidades relativas, conhecer, antecipadamente, os vivos que estão na agenda de S. Excelência, com data marcada para desencarnarem a alma. Eu, que fui um péssimo aluno de matemática e que olho para as martingalas e todos os estudos rabiscados com algarismos como um peru olha para o rendilhado da Catedral de Milão— julgo estar no segredo dum processo que nos daria essa informação embora relativa e aproximada, repito...

Não quero dizer porquê, porque seria cruel para muitos vivos, os motivos que me levaram a enquadrar o pobre Carlos de Oliveira na minha antecipada suspeita de que o seu fim não estava longe— embora, a última vez que lhe falasse o visse de boa saúde, mais optimista do que nunca, palrador curioso... É que a Morte só se serve da Doença, da longa-enfermidade— para certos indivíduos, para os que, de facto, ela ceifa à toa. Esses, por mui paradoxal que pareça, é que ela não escolhe— sendo os mais indicados, os mais à mão, os mais visíveis às suas órbitas vazias de Caveira. Existe um ritmo; e foi esse ritmo, o movimento da batuta que fulminando, anteriormente, vários outros— me levou a esta suspeita...

Não conheço episódio que melhor defina a Morte— do que aquele de Brey-Bey, pseudónimo dum escritor turco, nos apresenta num conto «La Mort qui rit...»

Um dia certo jovem oficial da guarda do sultão e favorito do Soberano, entra, *in-abrupto* no gabinete dêste e, lívido, confidencia-lhe: «—Salvai-me, Magestade. Desde manhã que a Morte me persegue! Escondei-me! Salvai-me!» O sultão, impressionado pelo terror expresso no rosto do jovem favorito— socego-o ordenando-lhe que partisse imediatamente, a título de qualquer missão, para Varsina—na Asia Menor; e quando o moço partiu, aliviado e confiado—abeirou-se de uma janela— e viu, de facto, a Morte a uma esquina, a espreitar o palácio. Mandou-a chamar pelos janizaros e perguntou-lhe porque motivo Ela perseguira e assustara o pobre oficial:

«— Mas está equivocado, Magestade! Eu estou até surpreendida por o topar aqui, em Constantinopla— quando recebi ordem para matá-lo em... Varsina—na Asia-Menor!»

...Carlos de Oliveira era um actor... era um actor como já todos os necrologistas o disseram. Tinha escola; usava, com talento, os chamados processos *sóbrios*—no que era ajudado por uma bela figura e por uma voz, que, não sendo *vozeirão*, era máscula, bem timbrada—igualmente solene. Estudava, compreendia, executava. Pessoalmente—representava a vida com a mesma sobriedade teatral. Esquivo a intrigas, *bon-vivant*, bom camarada. Só uma vez o vi quasi a torcer a sua linha impecável. O meu drama «1808» estava para ir no Ginásio. Alguém o indicara para o *Junot*—mas logo a ideia foi desaprovada com o lógico argumento de que a idade não lhe permitia embainhar-se no papel; que era preferível o Alexandre de Azevedo!

«— Ora essa!— protestou. Então eu não tenho idade para o *Junot*? O Alexandre... O Alexandre deve ser mais

Ler no próximo número uma reportagem sensacional feita em Portugal, sobre a guerra Paraguay-Boliviana no



Mestiço de índio e de europeu, o soldado paraguayo usa, simultaneamente das armas modernas, facalhões selvagens, herdados dos antepassados.

dissemem—ripostou: «— Se não é mais velho do que eu!»— E como o contravelho... é... pouco mais novo!»

Evoco êste detalhe—saudosamente, porque foi desabafo bem humano, muito legítimo num actor—e não para o apoucar.

Outro existe—inédito creio—que envolveu as últimas horas da sua existência que é arrepiante, gela o dorso; que daria assunto para um «grand-guignol»—do «Prince du Terreure». Naquele domingo passara-o cheio de optimismo. Após uma temporada de incertezas estava bem contractado, confiado futuro, trabalhando com estusiasmo. Passou a tarde com a família, como um bom burguês, ouvindo rádio... Ao jantar conseguiu captar não sei que estação cujo programa de musica russa aqueceu a sua sensibilidade de artista... À hora de ir para o teatro lamentou não poder continuar naquele doce ambiente; deixou a família a ouvir o rádio; bateu á porta do visinho e obrigou-o a captar a mesma estação; repetiu o conselho, ao longo da rua, em todas as casas onde tinham amigos... «Oçam! E' esplendido!» — e toda aquela gente se quedou a volta dos aparelhos — escutando o programa russo... Meia hora depois, o *speaker* entre duas peças de música, comunicava:

«— Acaba de falecer, repentinamente, no Teatro Avenida, o actor Carlos de Oliveira.»

Que se visione a sensação sofrida por toda aquela gente que se deliciava, por seu conselho, com a música russa...

R. X.

«Jornal do Meio-Dia»

A sede provisoria deste novo diário, a sair em 15 de Marco — na Rua da Rosa, 105 — tem afluído inumeros pedidos de assinaturas. Tudo indica (o nome do director, o nosso illustre camarada Pedro Muralha que, em tôdas as suas iniciativas jornalisticas tem triunfado brilhantemente; o ineditismo, no nosso meio, da sua orientação, da sua técnica — e até da hora da saída; o programa anunciado, os colaboradores que formam o seu elenco, etc.) que o «Jornal do Meio-Dia» alcance um êxito de público pouco banal. Brevemente daremos informações mais detalhadas sobre a nova gazeta.

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Telef. 2 5281 - Lisboa

RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - Telef. 1248 - PORTO

OS MORTOS DA SEMANA

(Continuação da página 7)

ocupasse duas colunas era... número morto!

O consul da Noruega era individualidade popular no Porto, benquista do Comércio — o que bastava para o entronizar na opinião da cidade... Sucedeu-lhe — o que... naturalmente sucederá a mim — e a ti leitor: entrou em agonia... Mas — e este detalhe não o desejo nem para ti nem para mim — essa agonia foi longa: durou dias! Todos nós, no *Janeiro*, que o conhecíamos, estávamos entristecidos pela notícia. Todos — menos ele... não dormia pensando no imenso naco de prosa que aquela morte lhe havia de proporcionar. Levantava-se cedo — e abancara na redacção todo o dia do — e abancava na redacção todo o dia do, alta madrugada quando o diário en-

tão? Já sabem? O consul da Noruega? Três colunas e dois retratos...

Foi a meio destas exuberantes — e quasi jubilosas palestras — que o telefone o veio surpreender — por trapaça do mesmo redactor trocista: «— Está lá? É o redactor da secção necrológica? Olhe que o sr. Consul, afinal, não morreu ainda. Parecia... mas não era! Tenha paciência! Desculpe!»

O misto de desilusão — e de revolta deste macabro jornalista ao ter de dar contra-ordem e retirar da forma as colunas e as gravuras — seria duma comicidade infinita — se não fosse semeada por tão triste matéria!

Mas o «cemitério» dos jornais não emprega apenas esses coveiros especializados — e caricaturáveis. Todos nós, na disciplina do diarismo, qualquer que seja a nossa categoria ou especialidade, somos obrigados, ao clarim da Morte, a fazermos o papel de enterrador... Quantas vezes, nesse papel profissional, me tenho sentido filosoficamente o coveiro do «Hamlet»? Qualquer indivíduo caminhando pela vida — sofre a nostalgia do abandono — ao ver cair, — e indo, involuntariamente, contando-os — hoje, amanhã, sempre — um parente, um amigo, um vizinho, um conhecido, uma figura de destaque, que parece simpática — ou não! — Mas para nós, jornalistas, que além desses mortos... pessoais (*passer — le mot*) temos de tratar de todos, a noção do Implacável da Morte, quando não consegue, como aos coveiros, anestesiá-los, torna-se aflitiva. Somos, não só os enterradores; somos os que os amortam, filmando a sua vida, pesando, na própria balança da Morte, todo o seu passado, bom ou mau, analisando quimicamente, um por um, a inutilidade de todos os esforços, heroísmos, ambições, audácias, egoísmos, generosidades, sacrifícios, ilusões, glórias... É que nós somos obrigados a galvanizar, diariamente esses cadáveres ante o público; obrigados a repetir, no estreito tablado das nossas notícias — o que fizeram em vida...

Não tem conto as mortes que passaram pela minha pena — nesses vinte anos de *metier*. Uma vez, com um só punhado — enchi um livro — «O Cemi-



Sanches Guerra, o político monárquico espanhol, cuja ação de indignação revolta contra as atitudes de Afonso XIII ajudou à queda da monarquia — e que acaba de falecer.

tério da Saudade e da Glória... Mas o cemitério dos meus mortos daria volumes — transbordaria todos os cemitérios da cidade...

Mas é indispensável; é do regulamento. Eis porque, após tão largo e enfadonho prólogo — inicio hoje, no «X», esta secção...

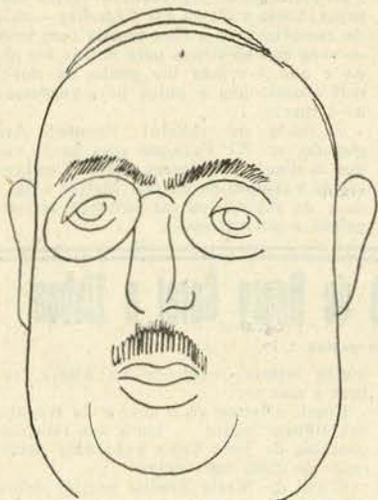
R. X.

Melo Barreto

A verdade sobre a sua obra diplomática — como jornalista; do seu jornalismo como diplomata — e outras radiografias ineditas empíricas

MUITO antes do jornalismo me aproximar de Melo Barreto — que acaba de falecer em Madrid — já eu possuía, na minha memória, uma ficha antropométrica sobre a sua individualidade. Precoço frequentador de bastidores (colegial ainda...) conheci-o quando ele estoirava os últimos elásticos que o ligavam às gazetas. Verdade seja que, apesar de dever à imprensa todas as situações a que se guiara e comodismos que lhe afogaram a vida; embora se ufanasse, até à morte, de ser um jornalista — nunca ofertou à profissão as ilusões e entusiasmos espontaneos, romanticos — de apaixonado fiel ou de místico... Os jornais, via-os como ante-camaras, ginásios, ou veículos. Neles aguardou, pachorrentamente e elegantemente as oportunidades; neles se exercitou, com sábia habilidade; foram eles que o conduziram às pequenas vitórias, degraus dos grandes triunfos. Porque a sua verdadeira profissão, aquela a que, desde jovem se dedicou com toda a alma, — foi sempre essa: a do Triunfo. Prático, na Vida, de acordo com os sonhos — legítima aspiração; aspiração que raro mortal não embala ou embalou, no berço do coração; mas que raríssimos alcançam por insuficiência das virtudes que super-abundavam em Melo Barreto.

Quando um dia, nesse período em que eu o rondava, com certa admiração infantil (ele era o monopolizador das traduções de peças francesas, deputado, redactor da Camara) confessei, carminado, como um donzelo, que queria ser jor-



Melo Barreto, embaixador de Portugal em Madrid, onde faleceu

trava na máquina — e já não havia esperança de se esponjar sobre a «Necrologia» — com a informação — aliás já antecipadamente escrita — da morte do consul... Na vespera do desenlace, um colega, famoso no jornal pelas suas garotices, resolveu desfrutá-lo... Saiu — e dum telefone vizinho começou a pedir ligações para o *Janeiro*. «Dai é o encarregado da Secção Necrológica? Daqui — do consulado da Noruega...»

O nosso velhote inchava o torax, arregalava os olhos sonolentos — e respondia: «— Sim... sou eu... E então?» «— Era para lhe dizer que o sr. consul... está quasi... quasi...!» E o velhote corria à secretária, afanoso, precipitado, punha mais duas vírgulas na prosa, e proclamava: «É amanhã! São três colunas e dois retratos!» Meia hora depois — o mesmo redactor repetia a chamada. «— É você? Olhe que...» — e o nosso homem interrompia-o: «— Já faleceu?» «— Não — mas está... quasi... quasi... quasi!» E esta macabra comédia durou até às três da manhã — hora a que, de novo chamado — o mesmo brinçalhão lhe anunciou: «— Foi agora mesmo! Pode publicar a notícia!»

E o homem parecia rejuvenescido. Balbardiou pela redacção; exigiu continuos; correu à gravura a ver se os zincos estavam prontos; participou a notícia a todos que entravam no jornal — mesmo aos desconhecidos... «— En-



Alvaro Pinheiro Chagas, um grande jornalista, e um caracter a cuja memoria, o «X» presta sentida homenagem de saudade — apesar da distancia de ideias, que nos separava.

(Continuação da página 6)

nalista — Melo Barreto, prefaziando certa sentença dum Melo Barreto francês (Olivier Barthou, se não erro) disse-me, meio irónico, meio paternal, piscando as pálpebras peludas e acavalando melhor as lunetas no nariz:

«Faz muito bem! Mas aprenda já este conselho: entre para os jornais a pensar na maneira de os deixar... O jornalismo é uma profissão única; pode levar-nos a tudo — à Riqueza, à Glória, ao Mando — mas com uma condição... Que se saiba sair deles a tempo, no momento psicológico...»

Não era uma platónica teoria — visto que nessas palavras se oculta toda a engenharia da sua existência. E já agora — um desabafo... Hoje, ao recordar o seu conselho, compreendo que todo o meu erro se cifra em não o ter seguido... Não sei do jornalismo a tempo — e por isso o jornalismo não me guindou senão... ao jornalismo. De-diquei-lhe, sacrifiquei-lhe toda a juventude, todas as ilusões, toda a vitalidade e nervos, e alma e paixão — e quedei-me penitenciário do *metier!*

* * *

De inícios burguezmente modestos mas mui dignos, inteligente, dotado duma estranha força de vontade — entrou calculadamente no jornalismo, premeditando não o aregimentar, frente ao seu nome, multidões de leitores, entusiastas, mas sim, conquistar a confiança e a admiração dum único leitor: aquele que pilotasse o jornal em que trabalhasse.

A sua prosa era correta, talvez sem pedrarias preciosas de estilo — mas tão pouco lanjejoilada por brilhos falsos e dehonestos. O seu principal talento foi sempre o da diplomacia — uma diplomacia especial, muito pessoal, tanto em processos como em objectivos — talento que elle usou, desde a estreia no jornalismo, em moço; que continuou a empregar pela vida fora; que foi o segredo de todos os seus sucessos, quando já diplomata, de facto!

Literariamente — uma especialidade que o seduzia: o teatro. Tentou-o com uma comédia de que não se fala: *As Violetas*. Dizem que não por infelicidade do autor mas por má vontade política — a patearam, escandalosamente. Era mui menino — e chorou! Podiam pensar que ante tão angustiosa agressão — elle desistiria! Mas — esqueciam-se do tal *diplomata* que elle ocultava nos mistérios do seu cérebro. E esse diplomata serenou-o, reanimou-o, indicou-lhe um processo de triunfo em teatro, sem riscos, antes pelo contrário; proporcionando-lhe maiores vantagens ainda; a da facilidade de colocação das peças; a da blindagem contra a má vontade das plateias ou dos críticos rancorosos e injustos; a do volume financeiro dos direitos, — e assim se especializou em tradutor de peças, conseguindo, numa só época, representar cinco ou seis e amealhar quantiosos lucros — recebendo as palmas... gozando, portanto, a ilusão do triunfo; impondo-se nos bastidores, nos camarins.

Como diplomata «de verdade» — ou seja nestes quinze anos que derigiu a nossa política em Madrid houve quem o descutisse, quem o negasse... Para ser justo deve-se definir assim o Melo Barreto ministro e embaixador: um homem inteligente, que levou para a legação ou embaixada a técnica dum admirável secretário de redacção; que empregou, na luta quotidiana para bem

carem-se em local que lhes permitisse vê-la na passagem do camarim para a cena!

«Um artista da Companhia Vasco Santana também me contou este episódio. A Raquel Meller occupou o camarim que era de Ilda Isidro. Esta nossa artista, no dia da estreia de Raquel, deu pela falta não sei que utensílio de *toilette* que esqueceu no camarim do Trindade. Foi, correndo, ao teatro, para o trazer. Não houve maneira! A *saltana* já se fechara — e por mais que o secretário batesse o tal sinal maçônico à porta, explicando-lhe o que se passava... «que era a estrela portuguesa, a artista que lhe cedera o camarim, que queria apenas tirar um objecto esquecido e de que necessitava...» Raquel não abriu a porta; e ante a insistência do empregado — insultou-o!

«Como? Cabutinice? Desejo de se au-reolar de nimbos de mistério? Não senhor! É que, segundo me cochichou alguém, Raquel não só está velha em anos — como o está, agravadamente, em doenças, em frenezias, em bilis! Aquelas entranha tem coisa má... Já foi operada várias vezes... Os seus cincoenta e muitos anos, reagem contra todos os artificios... Para aparentar, sob a ribalta, aquela... relativa juventude, é preciso, todas as noites, mascarar a cara sob uma

série de pomadas e porquerias que transformam a *mumia* natural, numa *mumia*... ah! como dizia aquele sr. Fialho... Como? *Fantasma*... *qué?* Fantasmagórica, sim senhora! E por isso ella não quer que a vejam nem antes ou depois de se maquilhar, nem quando está na *officina* — a preparar o *quadro*; nem quando entra ou sai de cena — para que não venham cá para fora dizer que a «divina-Raquel» é como uma velha esqueletrica, amarelenta, uma desenterrada — ou que parece um pão antes do forno — quando está maquilhada mas fora do auxilio das luzes do palco.

«O seu amigo e colega Cristovão Ayres contou-me uma vez que uma velha, muito velha, até francesa, que esteve há anos em Lisboa... a... a... Como? Cecil Sorel? É essa!... Que a Cecil Sorel, no Politeama, onde representou várias *meninas*, como a *Dama das Camelias* — saía do camarim com a cara tapada com veus — veus que só tirava para entrar em cena e que a criada lhe punha de novo, mal abandonava o palco para regressar ao camarim...»

«...Nada no cabelo? Pronto! Até quando, sr. X? Faça-me essa barba todos os dias! Vê? Parece outro! Lembrem-se do exemplo de Raquel Meller e de... de... de muitas outras actrizes estrangeiras e portuguesas.»

A verdadeira razão da vinda de Henry Garat a Lisboa

(Continuação da página 11)

da parte de Maria Amélia. Não hesitou um segundo e lá foi. O local onde se havia de dirigir era seu conhecido já da outra vez.

Pelo seu lado, o sr. João Silva, pai de Maria Amélia, recebia à mesma hora a indicação de que a esposa dum amigo

servir o seu paiz — a ciência que usava para bem servir os seus sonhos pessoais...

Partiu do princípio de que, para vencer naquele posto era necessário penetrar nos ambientes espanhois, não só pelo *hall* luminoso — mas, sobretudo, pelas portas que conduzem aos gabinetes particulares. Conquistou intimidades! Antes de pedir um favor graúdo — prestava, habilidosamente, dezenas de favores minúsculos, insignificantes mas que... ficavam registados... pelo número! Não havia frieza, esquia, inicialmente matemática, antipatia mesmo, que o desanimasse ou o destronasse do seu *aplomb*... Esperava; amiudava as suas gentilezas, os seus convites; ia, se fôsse preciso, à oferta dum banquete, farejava uma fraqueza em que dedilhasse — até vencer!

Que era um pouco infantil — sussurra-se? Mas julgam que elle não se reconhecia? Mas assim mesmo é que triunfava... Que dava, por vezes, a impressão de demasiado *mimado* pela Espanha! Mas era este o seu plano: o da conquista dos homens — antes de conquistar os favores...

Para muitos dos portuguezes foi dos diplomatas mais atentos que nós pospara todos — deve-se attribuir esse facto ao reverso das suas virtudes, à dilatações no estrangeiro. E se não foição do cuidado com que elle queria cumprir a sua missão, como embaixador e como sábio organizador dos seus triunfos individuais.

muito intimo, residente em Sintra, estava a morrer.

Como o leitor vê o auctor da trapaça era alguem muito ao facto das relações pessoais de João Silva e da vida particular de cada uma delas.

O pai de Maria Amélia partiu! Sabia da doença mas nada fazia prever o desenlace. Consigo foi a esposa e a filha.

Henry Garat, mal chegou a Sintra, foi abordado por uma senhora de idade que se dizia mandatária da pessoa que elle esperava. Um auto devia chegar e dentro dele Maria Amélia rendida de amor e pronta a segui-lo.

Henry sentia-se louco de alegria. Alegria efémera, porém.

O auto passou rápido sem que os seus passageiros o notassem. Henry bem a viu — à Maria Amélia; mas não vinha só! A família acompanhava-a. Nova desilusão.

Volta rápida para Lisboa, aumentada pelo desapontamento e quasi à hora do espectáculo recebe a visita da tal senhora de idade que em Sintra o esperou.

Ouviu então a explicação do sucedido e nem ao de leve duvidou da veracidade das mentidas palavras que lhe impingiam.

Disse a tal senhora que os papás da «menina» souberam, à última hora, o que ia acontecer e chegaram a tempo, infelizmente, de evitar a fuga de sua filha para os braços do seu galá.

É claro que Henry Garat daqui por diante começaria a desfolhar notas.

Felizmente algum velava.

Assim foi melhor.

Henry Garat foi como tinha vindo.

Leva a certeza pungente de que em Portugal uma mulher inacessível aos seus encantos de galá universal, seductor, elegante, espécie de cromo feito homem — que não é o *homem* predilecto das portuguezas de «verdade».

SILVA BASTOS



O homem dos subterrâneos

(Continuação da pág. 9)

saíam podiam ser seguidas sem perigo. Entretanto, a criadagem fiel, sob o mando do chefe, abria galerias subterrâneas que ligavam, entre si, esses palácios. Nas noites de pequenas reuniões preparatórias dos conjurados, cada família recebia a visita de dois ou três amigos apenas — o que jamais podia atrair a suspeita dos esbirros. Escusado será dizer que essas visitas, multiplicadas pelos cinco palácios, e aumentadas pelos membros de cada família — totalizavam uns cinquenta conspiradores — que se agrupavam, na rotunda central dos subterrâneos, sob a chefia de Sinford. Quando se tornava necessário reunir maior número de soldados à causa, uma só dessas famílias dava festa sumptuosa (à qual não assistia nenhum membro das outras) convidava gregos e troianos, as janelas eram bem iluminadas para que de fora se pudesse ver o que dentro se passava — mas, durante a noite, os gregos, a qualquer pretexto iam debandando, descendo às caves, amassando-se por fim na cave onde Sinford os aguardava.

Falhou o golpe por um pequeno nada. Tinham perfurado a última galeria — a galeria por onde preparavam a rapto de Cramwell. Na noite marcada — as cinco famílias deram... festa — a única imprudência do projecto — mas indispensável para que se reunisse a totalidade dos elementos. A hora precisa todos correram à galeria — e desmoronaram o último atrito — uma simples parede que dava para os aposentos do «Libertador»... Fácilmente venceram, pelo número e pelo imprevisível, os guardiões da alcova de Cramwell; mas... esta estava vazia. A fatalidade fizera com que ele, essa noite... não se deitasse no seu leito. Mas dera-se o alarme... Descobriu-se o segredo dos conspiradores — a maioria dos quais acabou no patíbulo. Salvou-se Lord Sinford — o «Homem dos Subterrâneos» e ainda graças... a um subterrâneo que ele reservava para si, ocultando-o aos cúmplices...

**Domingos Leite, no século XVII
e um tenório XX...**

Em Portugal existiu também — e nesse mesmo século (XVII) um homem que se não era, absolutamente, dos «subterrâneos» usou, sobre o solo, processos idênticos. Referimo-nos a Domingos Leite Pereira, o que, para desafrontar a sua honra de marido, se preparou para matar D. João IV. Fermentava Domingos Leite, exilado em Madrid, o seu ódio — ao mesmo tempo que se moia com saudades da filha pequena que se quedara com a adúltera — quando um cristão-novo, Mendes Nobre, apiedado pela sua dor de pai e ignorando os seus planos de vingança lhe quiz diminuir, quanto possível, os perigos de uma entrada em Portugal, onde estava considerado um «traidor», um «vendido» — oferecendo-lhe as chaves das suas casas, da Rua dos Vinagreiros, da Rua das Olarias e outras, que se seguiam, formando um angulo. Domingos Leite sabia que a procissão que o Rei acompanhava havia de passar frente ao primeiro dos prédios. Preparou-se com ferramentas, armas, alimentos para muitos dias; entrou de noite; procurou que avizinhança continuasse a julgar aquelas casas deshabitadas — e poz mãos á obra. Esburacou as paredes, de modo a que, quando

o alarme provocado pela sua loucura, fixasse a ira popular no primeiro prédio da Rua dos Vinagreiros, ele, passando de casa para casa — fôsse sair pela porta da última casa da Rua das Olarias — e daí partisse para os arrebalde, onde se refugiasse até á fuga para a fronteira.

Porém, na hora fatal, quando ele apontava a arma ao monarca, através duma seiteira que também abria e disfarçara, perto a uma janela do rez-do-chão — a visão da filha paralizara-lhe os dedos — e ele não disparou — hesitação que não evitou que fôsse traído, preso, julgado, supliciado!

Creio que é Esculápio, o velho «reporter de Rua» quem conta, numa das suas páginas de memórias a existência do «Fidalgo», gatuno «virtuoso» que

morreu velho sem nunca ter sido preso e que era, de facto «um homem de subterrâneos». Possuía cinco ou seis residências; nunca dormia na mesma duas noites seguidas; e entre algumas delas preparava comunicações para se escapular em caso de perigo...

Muitos «especialistas», modernos ou históricos podíamos enfileirar nesta série — mas já longo vai o artigo. Diremos apenas que existe, em Lisboa, um velho Tenório que se gaba de ter tido a audácia de ligar, na mocidade, por uma galeria subterrânea, dois chalets de Cintra... Mas não era para fins criminosos... E' que num deles habitava certa dama que...

Mas o velho Tenório pediu-nos segredo — e a dama ainda é viva...

A Surpreendente Descoberta de Beleza dum Medico



Leia a seguir, como mulheres de 50 anos podem aparentar apenas 30

O Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena de Austria maravilhou o mundo ao participar uma espantosa descoberta que restitui á pele a sua juventude. Este produto chamado «Diocel» é um admirável extracto, concentradíssimo, obtido de animais novos. Empregado pelo Prof. Dr. Stejskal para experiência de nutrição da pele, em mulheres de 55 a 72 anos, as rugas desaparecem completamente em 6 semanas (ver o relatório completo no jornal médico de Viena). Os direitos exclusivos sobre esta descoberta foram adquiridos por Tokalon e o Diocel e agora combinado com outros elementos que alimentam a pele, no Crème Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa, segundo uma fórmula especial do Prof. Dr. Stejskal. Mercê do seu uso, uma pele velha e emurchecida pode rapidamente rejuvenescer; as rugas desaparecem e os musculos flácidos do rosto ficam tonificados e mais rijos. As mulheres de 50 anos, ou até de 60 podem conseguir uma tez que muitas jovens invejariam.

O crême Tokalon encontra-se á venda nas perfumarias e nas boas lojas. Não encontrando pode dirigir-se ao Depósito Tokalon de Lisboa. (Secção X) 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

CONFEITARIA

Bijou do Calhariz

GOMES & ROCHA, L.^{DA}

Esmerado fabrico em todos
— os artigos de confeitaria —

Fornecem-se os melhores
serviços para casamentos,
batisados e soirées

2, Largo do Calhariz, 3
Telef. 23167

Móveis, Estofos

e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Be'em, 80-82
Telefone. Belem 237
LISBOA

Venereologia e Sífilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:
R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

Clinica Geral

Dr. Mário Teixeira Bastos

Consultório:
Rua Garrett, 17, 2.º, D.º
LISBOA

BRANCO & IRMÃO

Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Para-Raios • Antenas
Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88
PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se
DEZ NOVELAS
DEZ NOVELISTAS

Grande exito
de livraria

Está á venda em todo o País

Director: MIGUEL CRUZ
Rua Diário de Noticias, 113

CAFÉ RESTAURANT TAVARES
RUA DO MUNDO — LISBOA

O restaurant cosmopolita — o restaurant europeu
O restaurant frequentado pela melhor sociedade
O preferido pelas colónias estrangeiras

Concertos diários pela célebre troupe «Gounod»

Restaurante PRIMAVERA

Um canto discreto. — Optima cozinha. — Petiscos sempre variados. — Clientela sempre selecta. — Preços económicos
Travessa da Espera — LISBOA

António d'Oliveira

DOURADOR

RUA LUIZA TODI, 10, 2.º, D. — LISBOA — Telef. 2 2938

PALMILHA PARA CALÇADO

Timbragem a ouro fino ou a côres, o mais perfeito e o que com mais vantagem, substitue a etiqueta de papel

Preço: Desde \$15 o par

ABADIA

Restaurante genero «Normmãnde»

Especialidade em mariscos, cervejaria e «charcuterie» Alemã

36—PRAÇA DOS RESTAURADORES—40